



**(RE)PENSA  
HUMANIDADE**

# **KATARISMO**

**MOVIMENTO INDÍGENA URGENTE A TODA  
ABYA YALA | AMÉRICA LATINA | SUL-SUL**

**REFLEXÕES NECESSÁRIAS VINDAS DO  
PENSAMENTO DE SILVIA RIVERA CUSCANQUI**

# O MOVIMENTO KATARISMO

O **katarismo** tem como princípios promover resgate identitários em dimensões políticas, sociais e epistemológica. Organizados em duas linhas de investigação teórica: as expressões do colonialismo vigente em todo o continente latinoamericano e demografia da população indígena exposta a uma categoria de minoria, contraditória a autoafirmação e dados de movimentos autônomos indígenas.

**Iniciado em 1970**, o movimento é resultado da organizações de alunos Aymaras que iniciam estudos em 1953 na Bolívia e não se identificam com o modo técnico de ensino, não recuam diante da discriminação e preconceitos sofridos. Promovendo revolução, com a fundamentação autônoma à produção de conhecimento e denúncias sociais. Usando métodos próprios, de resgate a memória ancestral e suas experiências, afim de construir mundos possíveis diante a fusão de opressões, categorias e vivências étnicas.

**A colocação crítica do movimento** denuncia a opressão dos povos indígenas — inicialmente da Bolívia. Em dimensões de classe, linguagem, esteriótipos, lugares sociais, políticos e acadêmicos, impostos por negações diante a afirmação de suas etnicidades, cosmologias, modos de representação, imaginários e ações políticas e cotidianas.

**A crítica e reorganização epistêmica** tem como protagonista Silvia Riveira Cuscanqui, frente a reorganização teórico produtiva e interpretativa. Manifestando diante produções descolonizadoras, em constante deslocamentos e posicionamentos, frente a visibilidade de alteridades transtemporais. Que se recolocam epistemologicamente como novas figuras coloniais, nos discursos e nas práticas, devendo (RE)PENSAR, os múltiplos paradoxos existentes a sucessivos processos de recolonização e colonizações internas causando o ocultamento dos projetos de modernidade indígena, em toda a América Latina.

CONHEÇA **SILVIA RIVERA CUSCANQUI**

**CH'IXI', AYMARA,  
INTELECTUAL ATIVISTA  
MULHER FEMINISTA  
SOCIÓLOGA**



**Silvia Rivera Cusicanqui** é socióloga e professora emérita da Universidad Mayor de San Andrés em La Paz, Bolívia. Onde toma frente de movimentos afirmativos de laços identitários, reivindicações políticas e práticas intelectuais. Fazendo levante ao aprofundamento, a nova organização e práticas diante os estudos, a historiografia dita oficial, memórias e ações sociais em torno dos processos coloniais indígenas em contexto rural ou urbano, nos territórios de Abya Yala, renomeado pelos colonizadores como América Latina.

A **autodefinição como CH'IXI'**, reafirma e abre possibilidades de identificação com a categoria. Que deve ser pensada como: *“uma forma de nomear o oposto que coexistem sem se misturar. Que em condições de “mestiçxs” “convivem formas diversas num mundo “abigarrado”, manchado, pintado, mosqueado, cheio de justaposições que não tem como resultado a fusão ou o hibridismo.”*

Sua **dedicação intelectual** não desaproxima de sua militância e própria experiência Aymara. Fazendo destas dimensões a urgente reflexão e movimentação favorável a autonomia e independência indígena, partindo da Bolívia com o movimento Aymara mas urgente a toda Abya Yala.

A **proposta de reorganização do movimento** Aymara, críticas ao decolonialismo funcionais apenas nos gabinetes acadêmicos, posicionamentos da esquerda política, conceitos de multiculturalismo, e até mesmo a organização do Katarismo. Preza por posicionamentos, produções acadêmicas, organizações sociais e interpretações, a partir do próprio cotidiano, resgatando subjetividades e a memória com autenticidade étnica. Possibilitando profundidade as produções historiográficas e interpretações sociólogas junto a autonomia indígena e suas experiências no tempo presente e conexões plausíveis as representações do protagonismo indígena na contemporaneidade e nos processos coloniais.

**Tem como destaque e reconhecimento internacional,** sua contribuição acadêmica com a fundação de um coletivo formado majoritariamente por estudantes Aymaras. O Taller de História Oral Andina (THOA), iniciado em 13 de novembro de 1983, dedica-se investigar a participação indígena nos levantes e garante a participação destes no processo formativo e universitário, com grande expressão na historicidade, na técnica acadêmica, sociabilidade e política principalmente na Bolívia, expandindo pela América Latina.

**“ A MISSÃO DO THOA ERA E É PESQUISAR UTILIZANDO A METODOLOGIA DA HISTÓRIA ORAL. ALCANÇANDO A ACADEMIA E AS COMUNIDADES COM A MENSAGEM DE DESCOLONIZAÇÃO. RECUPERAR E FORTALECER A IDENTIDADE INDÍGENA EM TODAS AS ÁREAS, UM DOS CAMINHOS FOI A RECONSTITUIÇÃO.”**

*“ A historiografia tradicional, por falta de instrumentos de pesquisa adequados, não trouxe à luz a existência de redes de chefes com poder que, na década de 1920, travaram uma luta judicial à frente do Santos Marca T'ula; Cacique Chefe do Ayllus de Qallapa e Procurador-Geral das Comunidades da República. Com essa história baseada na tradição oral e com entrevistas na comunidade, o trabalho do THOA começou. O misticismo e a identificação com essa história, que foi a história dos índios, foi a característica desse grupo, ao qual estavam vinculados alguns estudantes não indígenas que se comprometeram com essa causa”<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> Texto publicado no site: <https://thoabolivia.wordpress.com/about/>. Com tradução automática da web. Visito em 04/02/21

# OCULTAMENTO DOS PROJETOS DE MODERNIDADE INDÍGENA

## DENÚNCIA - MANIFESTO

Em primordial nas reflexões de Silvia Riveira Cuscanqui está a chamada de atenção ao **OCULTAMENTO DOS PROJETOS DE MODERNIDADE INDÍGENA**, como um processo de recolonização onde o indígena se encontra deslocado por esteriótipos exóticos, ocupando lugares selvagens, cumprindo o papel do guardião da natureza. **Impossibilitado de está presente** na contemporaneidade, nos espaços urbanos, na produção de conhecimento, nos debates políticos ou na “*alta classe*”.

Defendendo que a centralidade de disputas entre mundos indígenas e não indígenas, está nas classificações. Categorias e conceitualização “**ditadas por outros**” as particularidades, demandas, protagonismo e memórias indígenas. Sendo está violência transtemporal, não ocupando apenas o passado ou o mundo colonial. Vem se mantendo no presente, com o manejo tutelar da produção intelectual academicista, sempre hegemônico, hierárquico e imperialista. Acreditando deter a totalidade de classificações dos mundos, sujeitos, subjetividades, possibilidades, práticas e técnicas com o **colonialismo epistêmico**, conectado a estruturas e instituições.

Incentivando o transcender das “**categorias indígenas, originários, ameríndios, entre outras**” que dão impressão de sofisticação e auteridade as produções etnográficas de gabinetes acadêmicos. Assegura, a participação indígena nestes espaços, atribuindo oportunidades de escuta e trocas horizontais de pensamento. Renovando assim, posicionamentos práticos, políticos, epistêmicos e sociais para alcançar convivialidade.

A rede de pensamento, sem hibridismo e simplismos multiculturais, não estará sólida apenas pelo “ceder” dos espaços de fala ou referências nativas. A questão é mais complexa, e está no alcance de profundidades, conexões e reconhecimentos, promovendo experiências ligadas ao poder de auto-inscrição e autonomia. Para impor limites ao simplismo das fusões, que colocam à margem expressões, pluralidades e transversalidades de mundos.

De maior relevância ética e política, se convida a enfrentar o poder colonial a partir do exemplo indígena de disputa e autoafirmação. Usando da essência dos **“elos”** entre sujeito, tradição, cooperação e memória. Estabelecendo possibilidades ao fortalecimento de vivências, continuidade a existência e resistências, e sobretudo a manter a tradição da oralidade.

Que em *“um mundo especialista em produzir ausências”*, como é posto por Ailton Krenak. A oralidade vem sendo uma prática quase extinta no cotidiano urbano e tecnológico que nos é ofertado nesta humanidade. Alienados a lógica colonial, onde o interesse sempre é voltado ao silenciamento, políticas de morte e dominações.

Não só uma contra corrente, mas na naturalidade prática e de posicionamento político. Preza-se apresentar críticas, interpretações e narrativas mais autênticas a realidade social e histórica com imagens e relatos orais. A prática que não cabe está resumida a uma metodologia, oferece leituras completas a múltiplas expressões e paradoxos sociais, não se vinculando aos limites da linguagem oficial, majoritariamente exaltada e respeitada.

Este é um levante a responsabilidade intelectual que detém as instituições de conhecimento. Se deslocarem a discursos de experiências vividas por sujeitos, com autenticidade do protagonismo e experiências próprias, autônomas no âmbito coletivo e individual. **Onde as produções confortam, aprofundam identificações e não incentivam a adaptar suas essências a um norma de censura.**

*“ El desafío de esta nueva autonomía reside en construir lazos sur-sur que nos permitan romper los triángulos sin base de la política y la academia del norte.” (Rivera Cusicanqui, Silvia, p.73.2010)*

O desenvolvimento institucional de reconhecimento as interpretações indígenas e ocupações destes espaços de produção. Inclui denúncias ao mundo colonial traçadas a partir da vivência e dos variados roubos encobertos pela organização social, hierarquização do poder e alienação. Totalmente contrária dos princípios de uma convivialidade de noção indígena quando reafirmados a mundos contrários. Que não ficam no simplismo do estruturalismo institucional e historiografia tradicional, oficial ou tutelar como a majoritária.

**É preciso envolver-se a agenda e dinâmicas dos movimentos indígenas, para assim trabalhar estas complexidades interpretativas que integra posturas e hábitos.** Se inserir e se disponibilizar ao desafio de trabalhar com outros focos investigativos e metodologias, em meio a fusões e paradoxos apresentados pelas pluralidades e exercício da memória coletiva. Então assim, colaboramos para autonomia.

Citar, referenciar e trabalhar juntos, numa continuidade respeitosa e colaborativa a visibilidade e autonomia indígena devem se dispor a manifestos, ideias e narrativas elaboradas em denúncias de insurgência anti-colonial. Movimento urgente a fluidez de autonomia sul-sul. Sendo importante basear as produções de conhecimento, posicionamento político e hábitos a autores indígenas como Silva Cusicanqui, Ailton Krenak. Ou Franz Fanon, Edward Saind entre outros **intelectuais dedicados a partirem de experiências individuais e coletivas, a elaboração da historiografia e leituras sociais.**

Caso seja preciso destaque de referencial teórico no espaço acadêmico de produção de conhecimento. Usaremos da visibilidade e do respeito teórico traçado no legado de Fanon. Que defende a substituição total e não parcial de um relevo de descolonização, onde as mudanças partem sempre



do sujeito colonizado, sendo capaz de diagnosticar a convivialidade com integridade política e conscientização.

Conscientização que assume reivindicar, organizar e substituir as relações de convívio, trabalhando para uma convivialidade que impede a desumanização de uma maioria vista como minoria na atual estrutura social, impedindo que se delibera quem é “o *homem*” e quem permanecerá na “**sombra**”, permanentemente impostos por categorias como: “**subalternos**”, “**indígenas**”, “**originários**” “**tradicional**”, “**folclórico**”.

Uma chamada a política de guerra, contra o silenciamento, ocultamento e roubos de mundos completos e complexos. A descolonização é sim um caminho da morte. Falecendo os paradigmas hegemônicos, de dominação e hierarquização dos poderes, espaços e papéis sociais previamente definidos aos sujeitos. Desencadeando a própria guerra, usando não de armas de fogo, mas armas de conhecimento para a intersecção social e práticas que geram consciencialização, não pulsões a poderes ilusórios de razão.

Alinhados globalmente a aspectos anti-coloniais aqui tratamos de amplos panoramas a problemática de ocultamento dos sujeitos, autonomia e auto-inscrição de suas memórias, organizações sociais e existências multidimensionais que integram teorias, narrativas e práticas.

Temos por objetivo colaborar, promover, unir e visibilizar os movimentos de **re-existência** imersos a um dinâmica de contestação e denúncias advindas do próprio sujeito. Agir em coletivos que o Sul é assumido como horizonte comum as expressões, investigações e parâmetros que desenvolva e fortaleça a descolonização da América Latina, Abya Yala.

Nosso intuito é subsidiar novos sentidos a partir de um esforço metodológico que privilegie os sujeitos nos campos de pesquisas e na academia, incluindo as nossas vivências para forme indagações as nossas demandas sociais, privilegiando nossas necessidades e desconfortos históricos. Tenhamos como objetivo recuperar o passado a uma

oportunidade para construir caminhos futuros, tratando formas de resistência e manifestação limpas para reivindicar direitos, autonomia e assim recolocarmos socialmente.

Nossa auto-representação, auto-inscrição e autonomia busca incluir uma realidade social que aparece sempre oculta as indagações sociais, epistêmicas e políticas que sempre estão ancoradas ao modo tutelar das produções “dos outros” falando sobre uma margem, uma minoria. Por isto a importância ao levantar de **estar mais ao Sul**. Buscando visibilizar, conscientizar e tomar frente a desconstrução do legado colonial e neocolonial que é imposto de forma tão silenciosa e violenta as nossas epistêmicas e corpos.

Revitalizar, reabitar e reaprender complexos de mundos e nós mesmos. **Assumindo a desconstrução das epistêmicas, das políticas e da convivialidade.** Para que se possibilite a visibilidade justa a nossa própria existência, sem leituras simplistas e que apenas evidência glórias da história colonial como o progresso da ancoragem social e silencia genocídios.

Como **um elo descolonizador universal** incentivamos a leitura e referências potentes a nossa autonomia e conscientização diante particularidades e demandas que respondem inquietações próprias, que impulsionam mundos possíveis sem simplismos a pluralidades e transversalidades que conceberemos neste atual relevo social e territorial.

Em suma, propomos a reflexão da urgência em incluir nas produções acadêmicas, práticas cotidianas e posicionamento político-social, abordagens que fazem possível a compreensão densa dos efeitos do colonialismo. Organizando como devemos apontar as especificidades acerca do debate pós colonial e as representações da América Latina, Abya Yala e múltiplos sujeitos.

Acabando com uma realidade de ocultamento dos mundos que transcendem os métodos acadêmicos clássicos, que de espaço a produções que usam de sua realidade vivenciada para descolar das categorias e conexões periféricas a quais nos inscrevem, diminuindo a potencialidade de movimentos epistêmico e social,

**PARA AUTONOMIA E LIBERTAÇÃO DO SUL !**

## REFERÊNCIAS INDICADAS

CUSICANQUI, Silvia. *Ch'ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

HASHIZUME, Maurício "A emergência do Katarismo. Tensões e combinações entre classe e cultura na Bolívia contemporânea." *Anais do IV Simpósio Lutas Sociais na América Latina: Imperialismo, nacionalismo e militarismo no Século XXI*, Londrina, UEL (2010): 1-22. Acesso em: [http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/anais\\_ivsimp/gt1/9\\_mauriciohashizume.pdf](http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/anais_ivsimp/gt1/9_mauriciohashizume.pdf). Visto por último em 08/02/21.

MIRANDA, Claudia. "O debate pós colonial na América Latina: contribuições de Silvia Riveira Cuscanqui e Santiago castro-gómez." **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, v. 3, n. 3, p. 213-232, 2017. Acesso em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/download/29850/23114>. Visto por último em 08/02/2021.

LA TINTA, Redacción. "Silvia Rivera Cusicanqui: colonialismo intelectual e os dilemas da teoria social latino-americana" 2017. Acesso em: <https://latinta.com.ar/2017/06/silvia-rivera-cusicanqui-el-colonialismo-intelectual-y-los-dilemas-de-la-teoria-social-latinoamericana/>. Visto por último em 08/02/21.

BARBER, Kattalin. Silvia Rivera Cusicanqui: Tenemos que producir pensamiento a partir de lo cotidiano. **El salto**, v. 17, 2019. Acesso em: [https://www.elsaltodiario.com/feminismo-poscolonial/silvia-rivera-cusicanqui-producir-pensamiento-cotidiano-pensamiento-indigena?fbclid=IwAROPBGz6bllQkGMTgtyPNrDEs8DoRh4fllRt2jjGMdlIVmlpph\\_Kyf mhS0#comentarios](https://www.elsaltodiario.com/feminismo-poscolonial/silvia-rivera-cusicanqui-producir-pensamiento-cotidiano-pensamiento-indigena?fbclid=IwAROPBGz6bllQkGMTgtyPNrDEs8DoRh4fllRt2jjGMdlIVmlpph_Kyf mhS0#comentarios). Visto por último em 08/02/2021.

CRIALES, Lucina; CONDORENO, Cristobal. Breve reseña del Taller de Historia oral andina (THOA). **Fuentes**, v. 10, n. 43, p. 57-66, 2016. Acesso em: [http://www.revistasbolivianas.org.bo/pdf/fdc/v10n43/v10n43\\_a12.pdf](http://www.revistasbolivianas.org.bo/pdf/fdc/v10n43/v10n43_a12.pdf). Visto por último em 08/02/2021.

THOA BOLIVIA. Taller de Historia Oral Andina (THOA),2011. Blog oficial de divulgações de trabalhos da organização THOA. Disponível em: < <https://thoabolivia.wordpress.com/about/> >. Acesso em: 08/02/2021.

CUSICANQUI, Silvia. *Ch'ixinakax utxiwa*, 2011. Blog pessoal de colaborações de Silvia Riveira Cuscanqui. Disponível em: <https://chixinakax.wordpress.com/>. Acesso em 08/02/2021.